

O mirabolante Henrique Moya: pioneiro das salas de cinema no Brasil

Ana Clara de O. Pelegrin

Carlos Emanuel O Cardoso

Hilary Oliveira de Aquino

Nicolly Cristina Ferreira¹

Orientador: Prof. Daniel Vieira da Silva²

Coorientadora: Prof. Roselaine Freitas³

Resumo: O artigo busca resgatar uma (hoje esquecida) figura histórica de personalidade exuberante e de extraordinária importância para o mundo do espetáculo e para a história das salas de cinema no Brasil, no fim do século XIX: o espanhol Henrique Moya. Grande mágico, HM, especialista em “lanterna mágica”, valeu-se dessa sua habilidade para criar uma das primeiríssimas salas de cinema em nosso país. Este estudo visa revalorizar essa notável personagem de nossa história cultural.

Palavras Chave: Henrique Moya. Mágico. Mundo do espetáculo brasileiro. Pioneiros dos cinemas.

Abstract: This article is on the career and the flamboyant personality of Henrique Moya, one of the most famous magicians of the late XIX century in Brazil. As usual in that time, HM as a “magic lantern” great performer has been a pioneer of movie theater as well. In spite of his importance for Brazilian show business, today he is forgotten.

Keywords: Henrique Moya. Magician. Brazilian show business. Pioneers of movie theater in Brazil.

1. Introdução

Neste artigo vamos estudar Henrique Moya (HM), uma exótica figura do final do século XIX e começo do XX, celebrado como brilhante ilusionista (mágico) e que foi importante precursor das salas de cinema no Brasil. Essa combinação, ilusionismo-cinema, não é casual: é sabido que em seus primórdios o cinema esteve muito ligado a ilusionistas e prestidigitadores, com seus truques e maquinário, como é o caso de Georges Méliès, celebrado no filme “A invenção de Hugo Cabret” de Martin Scorsese.

Se hoje Moya é praticamente desconhecido, em sua época foi famoso e muito relevante, também como pioneiro das salas de cinema entre nós. Neste estudo, acompanharemos a evolução de sua trajetória como artista e como empresário, valendo-nos da valiosa ferramenta de pesquisa, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN), que permite consultar centenas de jornais e revistas da época.

¹ Alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Souza Gouveia, São Paulo-SP.

² Professor de filosofia do Colégio Souza Gouveia. Mestre em Ciências da Religião pela UMESp. O orientador agradece ao Profº Dr. Jean Lauand pela ideia do tema do artigo, à que aludiu em aula na Umesp em 2017.

³ Professora de Língua Portuguesa e TCC do Colégio Souza Gouveia. Formada em Letras e Pedagogia.

Nosso objetivo é resgatar a extraordinária importância histórica de Moya, hoje injustamente esquecido.

2. O mais famoso ilusionista do Império

No começo da década de 1890, a imprensa começa a falar – cada vez mais frequentemente – de um ilusionista (na época chamado de prestidigitador ou prestímano e, poucas vezes, de mágico) espanhol, Dr. Henrique Moya (ou Enrique, na grafia original castelhana), que junto com sua esposa (e ajudante) Eloysa Moya, percorreu todo o país de Sul a Norte com seus shows de mágica, celebrados enfaticamente pela imprensa.



“O Lynce” RJ, 17-02-1898

Cavalheiro correcto, artista genial consagrado pela imprensa unânime dos paízes por onde tem andado, dentre os quaes citaremos a França, Allemanha, Portugal, Hespanha e Brazil, sempre disputando applausos do público, o Dr. Henrique Moya, formado pela faculdade de Direito de Cordoba (Hespanha), prestidigitador notavel, cujo retrato ilustra hoje as columnas d’O Lynce, acha-se actualmente em Macahé devendo mostrar os seus extraordinarios trabalhos brevemente no nosso teatro.

D. Eloysa Moya, digna esposa do emerito prestidigitador, é também uma artista de reputação firmada na Europa e América Latina (“O Lynce” RJ, 17-02-1898).

Ainda no início de sua carreira, em 13 de novembro de 1892, o “Diario de Noticias” (RJ), em sua agenda cultural, convida o público para dois espetáculos de HM (“habil prestimano, tao justamente applaudido: um de lanterna mágica no “Museu Parisiense”) no próprio dia 13-11; outro (“notabilissimo”), de mágica; no dia seguinte, no “Recreio Dramatico” (“Diário de Notícias” RJ, 13-10-1892).

A “lanterna mágica”, com seus slides, que ofereciam vistas de cidades europeias, de reis, políticos e artistas da época, precursora do cinema, era usada também para números de mágica, jogando com ilusões das imagens projetadas. HM

era um mestre nesse campo. HM viajava o Brasil todo (e países vizinhos) apresentando seus shows (públicos ou privados), como os anunciados no Recife:

Soirées

O **Dr. Moya**, prestidigitador, que possui um escolhido repertorio de jogos proprios para salão offerece-se para dar soirées em casas de familias e centros sociaes.

O mesmo astista dispõe de diversos aparelhos de prestidigitação e uma riquissima colleção de vistas para *Lanterna Magica* que venderá muito barato.

As pessoas que quizerem se utilizar dos seus serviços, deverão avizar com antecedencia de dois dias, na sua residencia, á rua Bella, n. 37, 2º andar.

“Jornal do Recife”, 04-01-1895

Ou como o show de despedida de sua temporada no Rio:

THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

HOJE DOMINGO HOJE

GRANDIOSO FESTIVAL ARTISTICO EM BENEFICIO DE

Mme. **MOYA** (Sylphora-mista)

Despedida do grande prestidigitador professor.

HENRIQUE MOYA

VERDADEIRA PRESTIDIGITAÇÃO FEITA A ALTA ESCOLA MODERNA

GRANDE ESCAMOTEIO

O Sr. **MOYA** fará como prova de agradecimento ao publico fluminense varias sortes fora do programma, as quaes lhes ensinará para que fiquem como recordação desta bella noite.

A beneficiada apresentará ao respeitavel publico muitas vistas novas de bonito effeito no seu bello

SILPHORANNO

N. D. — Neste grandioso festival tocará a excellentissima banda de musica do corpo policial de Netheroy, a qual virá em grande uniforme.

Anúncio de apresentação de HM (“Gazeta de Noticias” RJ, 09-10-1892)

Algumas obsevações sobre o espetáculo: ele ocorre no teatro São Pedro de Alcântara, em homenagem ao frade espanhol do século XVI, mas sobretudo por ser o santo do onomástico do Imperador Pedro II, que era Pedro de Alcântara. Por dar uma aparência de desapego do artista, muitos espetáculos da época eram em beneficio de algo ou de alguém; só que no caso a beneficiária era a própria esposa e *partner* do artista! A Sylphora é simplesmente outro nome para a “lanterna mágica”, usada no caso tanto para exhibir “vistas” da Europa, quanto para efeitos de luz das mágicas, como a de desaparecimento (escamoteio) da *partner*. HM promete também ensinar ao público alguns de seus truques...

É o momento de explicar um pouco o que era a lanterna mágica da época de HM.

3. A lanterna mágica, precursora do cinema.

As experiências com imagens nos acompanham há muito tempo, mas é a partir do século XIX que elas transformariam completamente a forma como nós interagimos com elas. Além dos espetáculos com o domínio e uso das projeções de imagens, a própria fotografia trazia consigo a possibilidade de captar o momento em uma imagem. Mais que uma ilusão ou um truque de mágica, reproduzir a imagem em movimento parece ser um grande fascínio humano. As projeções ópticas desse período, que mais tarde dariam vida ao cinema, foram o grande marco dessa realização.

Há 12 mil anos, o homem das cavernas já desenhava animais com oito patas na tentativa de representar o movimento. Muitos séculos se passaram até que o alemão Athanasius Kircher (século XVIII) inventasse a “lanterna mágica” – uma caixa composta de uma fonte de luz e lentes que enviavam imagens fixas para tela –, invento considerado como verdadeiro precursor do cinema (CUNHA; GIORDAN, 2009, p.9).

As chamadas “diversões ópticas” são datadas aqui no Brasil a partir do século XIX, concentradas principalmente no Rio Grande do Sul. São tecnologias de projeções de imagens que garantem o entretenimento do segmento e prepararão o caminho para as primeiras salas de cinema. Mais que ser um percussor dos cinemas, esses dispositivos ópticos exercem um papel importante: “formação do observador moderno, [que] fez emergir a riqueza e complexidade da cultura visual” (TRUSZ, 2008, p.32). Infelizmente, pouco se conhece sobre tal tecnologia, já que a sua história foi praticamente absorvida pelos cinematógrafos.

As caixas ópticas eram dispositivos de madeiras individuais, que operam a partir da perspectiva de espelhos e lentes, anteriores as lanternas de projeções. Foram utilizadas por profissionais itinerantes para projeções de entretenimento de forma pública, porém não gratuita, por meio de um verdadeiro espetáculo de imagens, que permitia trazer realidades estrangeiras e distantes para alguns metros de distância. Além das exposições itinerantes, estabelecimentos específicos foram abertos para tais projeções. Além disso, algumas famílias podiam adquirir o aparelho para uso doméstico e infantil.

As caixas ópticas não podem ser reconhecidas apenas como antecessoras ou parte da história cinematográfica; devem ser analisadas em suas especificidades, pois estão inseridas em uma lógica e em um projeto não imediatamente relacionados com as características posteriormente presentes no cinema (MIRANDA, 2005). Em um dado momento histórico e social, retrata um espectador que começava a interagir com uma nova tecnologia, que ampliava a sua percepção de mundo e modificava as opções de entretenimento da época. A caixa óptica poderia ser identificada pela sua forma negativa de não ser uma máquina fotográfica, como também, a de não ser um cinematógrafo, embora suas histórias estejam relacionadas pela imagem.

A lanterna mágica é o primeiro projetor de imagens de que temos notícia, um antecessor do cinematógrafo. Trata-se de um dispositivo óptico em uma versão bem mais aperfeiçoada, em relação ao equipamento anterior, com um salto de possibilidades e recursos. Algumas variações são registradas para se referir a esse projetor: “cosmorama, poliorama, silforama, lumiorama, megascope egípcio” (LEITE, 2019, p.138). É importante dizer que foi o avanço da fotografia somado a outros recursos de vidros e espelhos, que permitiram o alcance dessa tecnologia. Um espetáculo de projeções luminosas que reuniam pessoas pela familiaridade da imagem,

pela oportunidade de enxergar o mundo ou simplesmente se entreter com animações divertidas. Isso permitiu a apresentação em teatros de espetáculos incríveis para a época, manuseados pelos mágicos e prestidigitadores.



Lanterna Mágica da época (Cinema em Foco, 2021)



Apresentação das imagens no aparelho (Cinema em Foco, 2021)

Com a lanterna mágica e sua rápida evolução tecnológica, além da nitidez, as imagens passam a ganhar movimentos e se tornam ainda mais encantadoras. Em pleno tempo de imagens ultra definidas e salas de cinemas com experiências sensoriais cada vez mais estimuladas, é até um pouco difícil imaginar que pessoas lotavam teatros para assistirem imagens como essas:



Vista fixa para lanterna mágica. Decalcomania sobre vidro. Infantil. Chapeuzinho Vermelho. Ernst Plank (produtor). Alemanha, cerca de 1900. 6 x 20cm. Coleção Museu do Cinema da Filmoteca Espanhola (Imagem retirada de TRUSZ, 2008, p.37.)

Isso sem contar a engenhosidade das sessões ao ar livre, surpreendentemente antigas, apesar de não serem tão comuns pela complexidade de se preparar o espetáculo e controlar o acesso do público. Em seguida os teatros tornaram-se os pontos principais das exposições, por apresentarem condições mais favoráveis para os efeitos visuais e um melhor controle do público pagante. Também por esses espetáculos de projeções se somarem a outros eventos que já ocorriam no teatro.

Diferentemente das caixas de óptica, as lanternas mágicas eram aparelhos de projeção de imagens. Elas consistiam em uma caixa de madeira, folha de ferro, cobre ou cartão, equipada com lentes e que, mediante o uso de luz artificial, permitia a projeção amplificada sobre uma tela ou parede branca, em uma sala escurecida, de imagens pintadas sobre uma placa de vidro (MANNONI apud TRUSZ, 2008, p.39).

Deve-se registrar que inicialmente a lanterna mágica foi criada para fins científicos pelo alemão Athanasius Kircher, mas “o próprio inventor da lanterna mágica evitou ser associado ao seu invento, evidenciando uma preocupação em separar a ciência dos resultados de sua apropriação para fins de entretenimento” (Ibidem, p.40). Ironicamente, ao serem utilizadas para o entretenimento, de alguma forma esses aparelhos ópticos contribuíram para desmascarar charlatões, já que mesmo um espetáculo tão incrível, possuía uma explicação científica e tecnológica, não era resultado de uma exposição mágica ou de caráter sobrenatural.

Um dos primeiros filmes exibidos no cinema foi justamente “*A lanterna mágica, de Georges Méliès, em 1903*” (Cinema e Pixel, 2022) – uma invenção tão impressionante que merecia ser o roteiro e atração principal daquilo que ela projeta. Incrivelmente temos disponível (Youtube) trechos de um filme que se confundiria com a própria história do cinema: no curta metragem que exibiu com humor e admiração o espetáculo produzido pela lanterna mágica, coube a dois palhaços essa missão de apresentar o que parecia um truque de mágica, celebrado por dançarinas ao final da cena.

4. HM, mestre do marketing de autopromoção

Moya, sabia como ninguém, vender sua imagem para a imprensa e para o público: o que há de melhor para um mágico do que ser conhecido, ele mesmo, como uma figura lendária?

Recolhemos aqui algumas das suas mais chamativas e espetaculares jogadas de marketing, que o tornaram um autêntico mito para o público. Pois uma coisa é fazer mágicas – mais ou menos brilhantes – na noite mal iluminada de um palco, outra é deslumbrar o público à luz do dia e bem no meio da rua. Como no caso do relógio que ele “furtou” em pleno mercado e pôs a correr atrás de si uma multidão de 2.000 pessoas para apanhá-lo como ladrão. O episódio foi lembrado anos depois por “O Lynce” (RJ, 17-02-1898), que reproduz matéria do “Diario do Commercio”.

No movimentado mercado, em uma tarde de domingo, trajado “como um cavaleiro”, Moya se aproxima de um homem para pedir uma informação qualquer enquanto roubava o seu relógio, despede-se sem que a vítima desse por falta do objeto furtado. Instantes depois, o mágico o procura novamente e o interroga: “Faz obsequio de me dizer que horas tem?”. Após perceber que o relógio havia sumido, ainda é surpreendido com o deboche: “Não tem relógio? Pois tenho-o eu, e por sinal que é

bem bom. E deitou a correr”. Imagine-se a perplexidade da vítima e o atrevimento de Moya nessa fatídica cena, que se mostraria mais que um simples ato de roubo e ridicularização da vítima. “Pega ladrão!” se puseram a gritar uma multidão de pessoas no encalço do larápio que escapava pela saída. “Mas, teve que parar o perseguido, já então rodeado de cerca de 2000 circunstantes, á rua 7 de Setembro, canto do Comércio”. A multidão que cercava o tal ladrão de relógio ainda não sabia, mas estavam exatamente onde o brilhante ilusionista havia planejado. Quando tudo estava prestes a culminar em um desfecho mais exaltado, a polícia se aproximou daquele alvoroço e foi surpreendida com a explicação do “ladrão” que afirmara não estar de posse do relógio. Até aqui, nada de surpreendente, pois parece uma reação esperada a negação do delito de quem é flagrado, no entanto, a justificativa que veio a seguir foi uma verdadeira reviravolta: “provavelmente, se achava no bucho de uma piaba que um preto que ali passava conduzia em um samburá”. Inacreditável! Ele afirmou que o relógio estava dentro da barriga de um peixe que uma pessoa que passava estava carregando.

Sob os olhos de uma multidão incrédula, porém, incomodada com certa expectativa, o mágico rasga a barriga do peixe com um canivete, e retira o relógio, objeto de toda aquela situação. E finalmente explica ao público o que realmente aconteceu:

Meus senhores, eu sou o prestidigitador Henrique Moya, que sábado estréa no teatro S. Pedro de Alcantara!
Estava, pois, explicado o incidente.
Seguiu-se uma retumbante salva de palmas ao hábil prestímiano, a quem muitos pedidos foram feitos para trabalhar mais. Não faltou então quem quisesse, sem escândalo, ver escamoteado o relógio.
Mas, não pode ser; estava feito o reclame.
Agora, ao teatro!

Uma excelente, ousada e absurda ação de marketing para promover os seus espetáculos, de causar inveja a qualquer campanha publicitária.

A seguir, a mesma matéria de “O Lynce” relembra outro caso promocional impressionante: o de seu “suicídio”.

Imagine que um homem entra em uma barbearia movimentada da cidade e, como qualquer outro cliente, pede gentilmente para fazer a barba. Mas enquanto o barbeiro prepara os seus instrumentos de trabalho, este homem começa a andar pelo salão, agitado e gesticulando. Em seguida, senta-se à cadeira e inicia “uma conversação muito animada onde continuamente referia-se a prejuízos que acabara de ter na praça e que sérios embaraços lhe faziam ter desgostos profundos da vida”. Afirma então, a sua intenção de cometer suicídio diante de tantos dissabores de sua vida.

Após levantar-se para lavar seu rosto, faltava apenas sentar-se novamente para a finalização do trabalho do profissional com o chamado “pó de arroz”.

Nessa ocasião, fitando o barbeiro, disse-lhe rápida e categoricamente: - Suicido-me agora. Acto continuo vibra em si com toda a força um profundo golpe de navalha. Sua cabeça pende sobre o espalda da cadeira e o sangue brota da larga incisão, tingindo-lhe as roupas.

É claro que diante dessa explícita tragédia uma multidão corre em direção à barbearia, não havia mais espaço e as pessoas ocupavam a calçada tentando espiar ou entender o ocorrido, a polícia e o socorro já estavam no local.

Nesse momento o suicida, que ainda se conservava na cadeira, respirando estertorosamente, levantou-se e disse:

- Eu sou o prestidigitador Moya; não me suicidei, apenas quero dar uma prova do espetáculo que se realiza em meu benefício no teatro S. Pedro de Alcantara.

A multidão estupefata aplaudia e gargalhava eufórica diante de um homem que transformava qualquer lugar em um cenário perfeito para o seu espetáculo. “E assim terminou o suicídio do comendador Moya”.

Anos depois, o jornalista Frederico C. da Costa Brito conta, na “Revista da Semana” (do “Jornal do Brasil”, 31-07-1904), ter sido ele a sugerir HM esse truque, copiado do grande mágico internacional Carlos Herrmann, que o realizou em Bruxelas, décadas antes.

Não há muitos anos, a conselho nosso, o falecido prestidigitador Henrique Moya, pôz em prática esse mesmo reclame na loja de barbeiro do senhor Baptista, no largo do Rocio, dando grande resultado, tendo sempre concorrência nos seus espetáculos.

Ainda nessa esteira de verdadeiros espetáculos de autopromoção, o jornal “Regeneração” (SC 01-07-1886) informa que, antes de se exhibir em Desterro (atual Florianópolis), foi jantar no restaurante de Mme. Touchaud e, diante de todos, decepou o dedo da proprietária. Enquanto saboreava um café, Moya segura uma faca afiada sobre um dedo de suas mãos, observado por espectadores apreensivos, corta-o em duas partes. Diante de gritos, com o sangue escorrendo e as pessoas nervosas sem entender por que o prestidigitador havia realizado aquele feito tão grotesco, “O Sr. Moya, para que ninguém duvidasse do seu trabalho” solicita a verificação de um médico, para conferir se o sangue que jorrava era real. Após esta confirmação, ainda pede para que alguém do restaurante lhe traga um pedaço de barbante e reestabelece a condição natural do dedo. “Causou tanta admiração este pequeno e delicado trabalho, que exibiu no restaurant, que todos aplaudiram entusiasmadamente”. Outro golpe de mestre de Moya na divulgação de seus espetáculos.

No dia seguinte, o mesmo jornal conta o caso de alguém da plateia que, enfurecido, acusou HM de fraude em seus números, afirmando que as pessoas do público chamadas a colaborar já estariam com ele aconchavadas... E, para surpresa de todos, HM convida o desafiante (mais um aconchavado?): “Praticou com o individuo que o desafiara a mesma prova posta em dúvida”. Naquele dia, certamente um cético desavisado foi convertido à inteligência e habilidade do “prestímano”.

O prestígio que HM obtivera ficava claro na maneira como os jornais o apresentavam e o defendiam: “artista inteligente, mas excessivamente modesto”. Não se tratava de um sujeito qualquer ou de um charlatão que tinha por objetivo enganar o seu público, pelo contrário, em seu espetáculo a ilusão e a realidade se misturavam na medida de um entretenimento que sempre surpreendia. Seu público não deixava o teatro com a sensação de ter sido enganado, mas com a certeza de ter tido a experiência de presenciar um grande ilusionista.



Cartaz para o show do casal Moya em Juiz de Fora (“O Pharol” MG, 29-01-1887)

A descrição desse cartaz dá uma ideia de como o marketing de seus espetáculos era ousado e instigante. Assim, ficava difícil de resistir à curiosidade do cumprimento da promessa ali apresentada.

O sr. Moya fará provas nunca vistas: - degolará corpos vivos e os fará ressuscitar (...) fará carregar duas carabinas com balas de chumbo, se fará atirar com ellas na bocca. Também fará apparecer um cadáver em movimento quasi no escuro.

Senhoras e senhores, este é o espetacular Henrique Moya. Possuía dentre seu vasto repertório de habilidades, uma das mais caras e valorizadas até hoje, uma excelente divulgação de seu trabalho. Como na sabedoria de um ditado popular, era alguém que sabia vender o seu peixe.

5. HM e sua pioneira sala de cinema

Com todo seu *background* de lanterna mágica, é natural que HM fundasse sua sala de “cinematógrafo”, a segunda do Brasil, de acordo com o “Jornal do Brasil” (RJ, 09-08-1969):

Seja como fôr, não há dúvidas de que as primeiras exhibições cinematográficas brasileiras tiveram lugar na Rua do Ouvidor. Foi ela, em verdade, nossa primeira Cinelândia; tanto que, já em março de 1897, o prestidigitador Enrique Moya ali instalava uma segunda sala de exhibições, no nº 109.

Não se trata de um exagero ou força de expressão a afirmação do início do texto, atribuindo a HM ser criador das primeiras salas de cinema. Não bastasse a

informação da instalação de uma segunda sala de cinema em 1897, a mesma matéria descreve, em um parágrafo anterior, que apesar de ser incloclusiva a data e os responsáveis pela “primeira sessão cinematográfica no Brasil”, sabe-se que as primeiras exibições são datadas de julho de 1896. Essa proximidade das datas coloca o prestidigitador em questão como um precursor das salas de cinema no Brasil.

Sobre a implantação das primeiras salas de cinemas, há uma variedade de datas disponíveis em diversas fontes. Porém, chama a atenção uma informação equivocada disponibilizada pelo site oficial da Câmara Legislativa, atribuindo a data de 31 de julho de 1897 como marco da inauguração da primeira sala de cinema no Brasil. Ora, meses antes, jornais da época já divulgavam o início do funcionamento das salas de cinema de HM. A imprensa da época registrara fartamente esse empreendimento de HM, inaugurado em 25-03-1897 (“Cidade do Rio”, 27-03-1897), tendo tomado o cuidado de convidar a imprensa para uma visita na véspera (“Cidade do Rio”, 24-03-1897):

Convidados pelo Dr. Henrique Moya, conhecido e popular prestidigitador, fomos hontem assistir ás experiencias do Cinematographo Edison, de sua propriedade, cujas exibições publicas começam hoje, na casa n. 109 da Rua do Ouvidor.

Há ainda um elogio à experiência presenciada por “raros convidados da imprensa” ao cuidadoso trabalho executado por HM. Esse momento se mostra como uma coroação do excelente trabalho, criatividade e esforço no encontro com uma tecnologia de projeção de imagens que mudaria para sempre o entretenimento visual a partir de então. E imaginar que tudo teve início com uma lanterna mágica e muita engenhosidade...

Imediatamente a sala torna-se um enorme sucesso. Chegaram a frequentá-la 52.000 pessoas (cf. revista “Manchete” RJ, 23-06-1973), com sessões todos os dias das 11h da manhã às 21:00h! Como diz o anúncio que “A Cidade do Rio” repete com frequência, nos dias que se seguiram à estreia:

**Qual é a maior novidade do dia?
E' o maravilhoso**
CINEMATOGRAHO «EDISON»
O qual trabalha a luz electrica.
Esta grandè novidade que, sem duvida,
é a mais curiosa e importante das gran-
des invenções de Edison, tem feito nestes
ultimos mezes caminhar, pela curiosidade,
todos os habitantes da Europa.
NOTA — O salão acha-se convenien-
temente preparado para receber as Exmas.
familias, e o distincto publico que se
digne favorecer o Sr. **Moya**, o qual tem
manifestado sempre grande affeição pelo
culto e generoso publico desta capital.
As exhibições serão feitas por sessões,
começando ás 11 da manhã, até ás 9 da
noite. — Ouvidor 109.
Entrada para cada pessoa 1\$000
O Secretario, — R. Gonzalez.

Um fato interessante é que as salas de cinemas no Brasil não foram implementadas muito depois de sua inauguração na Europa, embora (MATOS; VASCONCELOS, p.115, 2012) chame a atenção para um “mercado dependente da importação”. Apenas na década seguinte uma produção mais significativa de curtas nacionais serão produzidos.

6. Considerações finais

HM morreu no dia 01-11-1900, após uma década de imenso sucesso como artista, em inseparável parceria com sua esposa Eloysa, com quem percorreu incansavelmente inúmeras cidades de muitos estados do Brasil, sempre com muito sucesso, tornando-se mesmo uma figura lendária no mundo do espetáculo.

Embora hoje esteja praticamente esquecido, HM deixou um rico legado para a implantação das salas de cinema no Brasil. Ele merece, contudo, ser lembrado por mais que isso, considerando a sua contribuição com a lanterna mágica, os shows ilusionistas e o genial marketing feito por ele na divulgação de seus espetáculos. Tudo isso deveria ser o suficiente para colocá-lo ainda em uma posição de maior destaque. Com certeza ele antecipou para sua época a novidade de um século que se iniciava cheio de novidades na forma de interagir com as imagens.

Além da genialidade artística reconhecida, outro ponto sobre o prestidigitador que não pode ser esquecido é a maneira gentil e honesta em que é retratado pela imprensa de seu tempo, um forte indício de seu caráter. Ao longo de todos os recortes de matérias utilizadas neste trabalho, destacam-se as expressões que o descreviam como: “cavalheiro correcto”, “aureolado magico”, “artista inteligente, mas excessivamente modesto”. De fato, HM parece ter ido além de ser um habilidoso ilusionista.

A modesta contribuição do presente trabalho é fazer o mínimo de justiça a uma figura histórica que merece ser lembrada. Também a de estimular outros pesquisadores a buscar e a esmiuçar materiais que resgatem a memória, a vida e os feitos de personagens como este. A história de HM se confunde com os espetáculos das lanternas mágicas e o início das projeções cinematográficas, ao mesmo tempo em que distingue claramente as duas.

Apresentar o “mirabolante Henrique Moya” foi o resultado de uma grata descoberta.

7. Referências bibliográficas

BIBLIOTECA NACIONAL – Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 25.05 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/519325-primeira-sala-de-cinema-do-brasil-completa-120-anos/>. Acesso em: 09.06.23.

CINEMA EM FOCO. *História do cinema: A lanterna mágica e a era pré-cinema. 2021*. Disponível em: <https://cinemaemfoco.com/a-lanterna-magica-e-sua-influencia-no-surgimento-do-cinema/>. Acesso em: 10.05.2023

CINEMA E PIXEL. *História do cinema, História dos efeitos visuais: A Lanterna Mágica de Georges Méliès. 2022*. Disponível em: <https://cinemaepixels.com.br/2022/12/09/a-lanterna-magica-de-georges-melies-filme-de-1903/>. Acesso: 21.02.23.

CUNHA, Marcia B.; GIORDAN, Marcelo. A imagem da ciência no cinema. **Qnesc - Divisão de Ensino**. São Paulo, Vol. 31 N° 1, fevereiro, 2009.

LEITE, Ary Bezerra. *História da fotografia no Ceará do século XIX* (pdf). Ceará: Ed. Do autor, 2019.

MATOS, Renata de F.; VASCONCELOS, Eduardo, H. B. Do prenúncio ao recomeço: a história do cinema brasileiro no início e no final do século XX. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. 2012, pp. 113-127

MIRANDA, Cristina. Aparelhos ópticos no Rio de Janeiro do século XIX. **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional De História** – Londrina, 2005.

TRUSZ, Alice Dubina. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre – 1861 a 1908* (pdf). São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

Recebido para publicação em 05-07-23; aceito em 09-08-23